

Sociabilidade e colaboração em um coletivo artístico: estudo de caso do projeto “Queer Fiction”¹

Alex Cabistani

Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em Comunicação com ênfase em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: alex@cabistani.net

Resumo

O artigo apresenta uma análise das estratégias de comunicação utilizadas pelos integrantes do projeto “Queer Fiction”, coletivo artístico localizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, dedicado à produção fotográfica, performática e em vídeo, tendo por tema o erotismo, o fetichismo e o sadomasoquismo. Através da comunicação mediada por computador, o grupo planeja suas performances em espaços específicos das cidades, quando expõe também sua produção audiovisual. Recorrendo às noções de coletivismo e colaboração artística de ROSAS (2003, 2005), analisamos os discursos textuais e visuais de transgressão apresentados pelo grupo, cuja postura estética e política, numa perspectiva foucaultiana, inscreve-se numa estratégia de poder que faz “falar o sexo” através do questionamento dos cânones artísticos e sexuais.

Palavras-chave: arte; erotismo; cibercultura.

Abstract

The article presents an analysis of the communication strategies used by the members of “Queer Fiction” project, artistic collective located in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, dedicated to the photographic production, performances and videos, with themes as the eroticism, the fetishism and the SM practices. Through the computer mediated communication, the group traces their performances in specific spaces of the cities, when it also exposes its audiovisual production. Falling back upon the notions of collectivism and artistic collaboration of ROSAS (2003, 2005), we analyzed the textual and visual speeches of transgression presented by the group, whose aesthetic and political posture, in a foucaultian perspective, enrolls a strategy of power that makes to “speak the sex” through the questioning of both artistic and sexual canons.

Keywords: art; eroticism; cyberculture.

Introdução

Toda pessoa, ao menos nos sonhos, habitou o mundo da imaginação pornográfica por algumas horas, ou dias, ou mesmo por períodos ainda mais longos de sua vida; porém somente os habitantes permanentes fabricam os fetiches, os troféus, a arte.
Susan Sontag in “A imaginação pornográfica”

93

O notável impacto que as chamadas novas tecnologias da comunicação e da informação vêm exercendo sobre diversos setores da vida em uma crescente minoria da população global, reconfigurando sociabilidades, memórias, universos simbólicos e modos de se viver o público e o privado, é observável também na esfera da produção e do consumo artísticos. Entre rupturas e continuidades, retomadas e inventividades, as neotecnologias surgem como possível caminho à difusão das obras, proporcionando novos suportes à arte e hibridizações de linguagens, potencializando o contato dos artistas entre si e destes com seus públicos, em uma escala e velocidade nunca vistas na história. Para ROSAS (2003), “o que diferencia a atual voga de manifestações coletivas no Brasil são o caráter político de boa parte delas, assim como o uso que muitas fazem da internet, seja via listas de discussão, websites, fotologs e blogs ou simplesmente comunicação e ações planejadas por e-mail”.

De forma similar, as diferentes sociabilidades que florescem nos novos meios vêm dando visibilidade às questões das chamadas minorias, subculturas, culturas subalternas ou periféricas, vivências alternativas aos modelos hegemônicos. Insere-se neste caldo a diversidade sexual e a expressão de desejos, sexualidades e afetos em dissonância com o poder dominante. Na pluralidade das formas, seja pelo prisma de militância, do ativismo, da organização coletiva ou de um uso narcíseo, atomizado, individualista, performático, simulacral ou hedonista das mídiatizações, é visível que as tecnointerações estão tirando da sombra as sexualidades heterodoxas ao poder androcêntrico heterossexual. Na intersecção entre imagens, textos e sons nos interstícios do poder, vigora um novo estatuto daqueles que não tinham (e talvez ainda não tenham) o reconhecimento de seu direito civil e humano de expressão/visibilidade do desejo à luz do dia na ágora concreta de carne e pedra. Dessa confluência entre cibercultura, erotismo e arte surgiu a idéia para o presente artigo.

Com o objetivo de compreender algumas questões sobre a criação artística coletiva, bem como sobre a sociabilidade envolvida nesse processo, buscou-se analisar os espaços e as estratégias de comunicação usados pelos integrantes do projeto “Queer Fiction”, coletivo artístico localizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, dedicado à produção fotográfica, performática e em vídeo. Baseando-se na produção textual e visual veiculada pelo grupo na Internet, pretende-se articular uma visão teórico-prática sobre coletivismo e colaboração artística

(ROSAS), juntamente com aspectos da bioeconomia das redes (MUSSO) e da inscrição dos corpos e identidades em estratégias de poder (FOUCAULT). Iniciamos com uma análise do espaço comunicacional centralizador da proposta do grupo.

O site www.queerfiction.net

Servindo como espécie de manifesto do grupo, o texto de abertura do site traz algumas chaves de leitura àqueles que pretendem apreciar a produção do coletivo: “Queer Fiction propõe redescobrir o significado transgressor da experiência erótica através da atitude estética, buscando a anulação das categorias do correto e do proibido, do belo e do sujo, a partir do questionamento dos papéis e afirmação da diversidade de corpos e desejos” (QUEER FICTION, cf. bibl.). A noção de *queer*, presente no nome do projeto, extrapola a referência homossexual que o termo tradicionalmente carrega, buscando abarcar todos os comportamentos sexuais considerados socialmente insólitos. Conforme explica o *mentor* Ferdinand Bardamu, no fórum de discussão da comunidade que o grupo criou no site de relacionamentos Orkut², o *queer*,

em termos gerais, seria aquele que é estereotipado como bizarro, mas que não se preocupa com o problema da aceitação de uma maioria que se julga «politicamente correta» - ele não deseja ser integrado. (...) Procuramos dar visibilidade a todas as formas alternativas de expressão do desejo que geralmente são alvos de intolerância pela sociedade. Portanto, queer pressupõe mais que uma atitude estética, mas também um posicionamento ideológico crítico.

Tal postura político-estética pode ser contemplada nas 29 fotos do site (a maioria em preto-e-branco), que solicitam do espectador a revisão de conceitos estabelecidos como “correto, proibido, belo, sujo”. A questão do poder envolvido no jogo dos papéis sexuais é problematizada na seqüência de três fotos em que um homem de máscara algemado é dominado por uma mulher de botas pretas cano alto e é *instado* a lamber a ponta da bota e do chicote (ilustração I). Outro trio de fotos traz uma mulher deitada *vestindo* máscara e um “consolo” (*dildo*) adaptado por tiras a sua cintura. A prótese peniana *em riste* ganha cor vermelha numa das fotos, ocasião aproveitada para um *close* nos lábios vaginais da modelo (il. II).

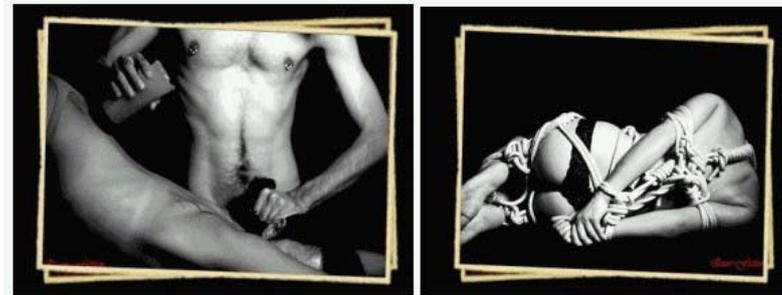
Ilustrações I e II – fotos do site www.queerfiction.net (sem títulos)



A temática da violência é resgatada nas duas fotos em que um homem, segurando uma mulher pelos cabelos (como que a afastá-los, mas sugerindo também dominação), derrama a cera quente de uma vela por sobre as costas dela (il. III), ou nas fotos em que a modelo aparece amarrada por cordas, correntes ou fivelas (*bondage*), evidenciando detalhes fetichistas como sapatos femininos, *lingerie*, meias arrastão ou unhas femininas longas (il. IV). Diz o texto *about us* do site:

A experiência erótica guarda uma violência criativa, única capaz de nos arrebatara para fora do cotidiano mortificante e fundar nossa singularidade existencial. Por isso, é necessário assumir um novo compromisso de representação estética do erótico, através do questionamento das possibilidades do desejo, tomando a via do resgate da violência constitutiva da experiência erótica. (QUEER FICTION)

Ilustrações III e IV – fotos do site www.queerfiction.net (sem títulos)



95

A relativização do que seja a violência em uma experiência erótica (já que nestes casos supostamente houve consentimento entre as partes sobre os códigos e limites das práticas), não parece minorar a aflição que o espectador não acostumado com práticas sadomasoquistas pode sentir frente a algumas cenas, como a do modelo masculino com agulhas hipodérmicas fincadas superficialmente sobre a pele do tórax, ou a da modelo (com auréola de plumas na cabeça e meias arrastão) que colhe com a língua a cera que cai de uma vela (il. V).

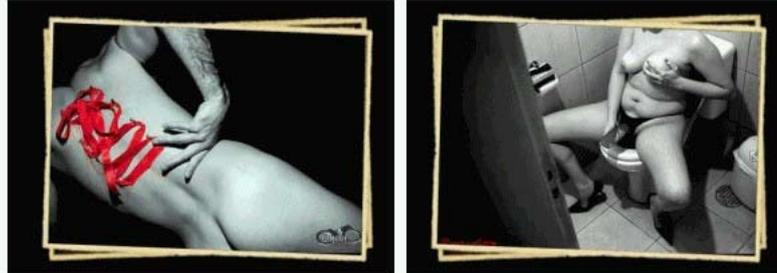
Ilustrações V e VI – fotos do site www.queerfiction.net (sem títulos)



O questionamento dos limites e interseções entre prazer e dor se materializa nas fotos sobre corset (il. VI e VII), um tipo de espartilho de fitas preso na pele das costas por agulhas hipodérmicas, confeccionado numa mulher (única foto totalmente colorida do site) e num homem (tendo a foto em preto-e-branco, e só o artefato colorido em vermelho). Outras fotos retomam

os jogos sexuais entre ativo e passivo, dominador e dominado, homem e mulher, falo e falta, como a da modelo que masturba com os pés um homem algemado, ou a em que uma modelo de máscara, corpete e botas segura seu escravo pela corrente, o qual pratica ou simula praticar sexo oral nela.

Ilustrações VII e VIII – fotos do site www.queerfiction.net (sem títulos)



Na maior parte das imagens, apela-se para o uso de máscaras ou para o recurso de “cortar” a cabeça dos modelos fora do enquadramento, como nas da mulher no vaso sanitário com um *dildo* preso à cintura, simulando a masturbação masculina (il. VIII). Na ausência total ou parcial de rostos, o grupo acaba por construir uma *identidade anônima coletiva* que convida o espectador a refletir sobre sua própria condição de sujeito sexual.

96

Sem ciberdeslumbres tecnocêntricos, mas estendendo às malhas da rede e da cidade um desejo que transborda os limiares do orgânico, o grupo tece um corpo que se afirma ao ser questionado, se liberta ao ser imobilizado, se impõe ao ser humilhado, permanece ao ser transformado. De seu lugar de fala é possível vislumbrar uma inquietude *fáustica* por transcender as imposições biológicas e histórico-culturais sobre o corpo e seus usos, a qual se expressa pelas modificações corporais, pelas próteses fetichistas e pelas técnicas de sadomasoquismo, artifícios que *desnaturalizam* o corpo e o põem para circular sob a forma de arte. Assim, a sua condição de “corpo contemporâneo que não consegue fugir das tiranias (e das delícias) do *upgrade*” (SIBILIA, 2003: 13) busca, através da tecnologia, a superação da finitude e das limitações espaciais, instaurando-se como processo e produto de uma vivência contestadora.

Além do recurso do site como forma de divulgação do material fotográfico, o grupo faz uso de uma comunidade no Orkut para articular suas ações de produção (como decidir sobre quem será fotógrafo ou modelo e detalhes sobre local e figurino). Tal dinâmica social é assunto do tópico a seguir.

Queer Fiction no Orkut

A comunidade do projeto na rede social digital orkutiana conta com 130 membros e foi fundada em 12 de outubro de 2006, visando a “reunir os participantes, admiradores e todos aqueles que fazem da arte da transgressão um

esporte de combate”. O tópico “objetivos” explica que, além de reunir os amigos e simpatizantes do coletivo, o espaço pretende estimular novas parcerias, bem como articular trabalhos futuros e novos experimentos em fotografia e vídeo contendo o tema do erótico e do pornográfico.

Ao contrário do que talvez se pudesse imaginar, a interação entre os membros se dá de forma amistosa, longe da pré-noção de violência que ronda o universo sadomasoquista e fetichista. Como em outras comunidades do Orkut, os integrantes assinalam os aniversários de seus amigos, às vezes deixando transparecer os papéis de dominação-submissão que os unem:

L., vc merece demais nosso abraço, sempre super gentil e carinhosa com todos (até mesmo com ursos insignificantes como eu), o que nos deixa emocionados e felizes!

Em um post do fórum, um integrante abre a discussão sobre espaços (virtuais ou não) de consumo de artigos fetichistas ou sadomasoquistas: “Caro F: Por acaso sabes de uma Sex Shop aí em POA que venda capuzes masculinos em couro?”. Ao ser atendido, responde:

Gostei muito das informações, não conhecia a ‘F.S.’. Há realmente poucas opções de lojas com artigos sadomasoquistas. Aqui em Brasília visitei algumas, mas os produtos eram de baixa qualidade, mais adequados para ‘brincadeiras’ do que para a realização de uma cena. Valeu!

97

A temática se amplia com a publicação do endereço de mais de quinze lojas em Porto Alegre dedicadas ao comércio de fantasias eróticas ou de carnaval, lingerie, filmes, acessórios BDSM (bondage e sadomasoquismo), produtos de sex shop e sapatos. O tópico mais concorrido no fórum, entretanto, é “Idéias de futuros ensaios”, no qual os participantes do projeto extravasam através de sugestões as suas fantasias sexuais e estéticas, numa competição de enunciados pelo grotesco mais original:

Mishima e uma punheta ao santo: O escritor japonês Yukio Mishima descreve, em sua obra «Confissões de uma máscara», uma cena em que ele se masturba observando a imagem de São Sebastião (o jovem soldado romano amarrado numa árvore com o corpo ferido por flechas). Fico tentando reproduzir essa cena mentalmente - um jovem corpo masculino extasiado, masturbando-se diante de uma imagem de São Sebastião. Podíamos prestar uma homenagem ao escritor Mishima...

Uma idéia que eu tive: O cenário é o típico quarto de menina, com o rosa predominando, cheio daqueles ursinhos, bibelôs, Hello Kitty e outras coisinhas mimosas. As personagens são garotas de camisolas brancas ou rosas, aqueles chinelinhos felpudos (tipo o do último ensaio) ou pantufas (ou mesmo havaianas), meias de florzinhas, todo aquele visual tão fofo quanto o quarto, bem «patricinha» mesmo. Em algum canto do quarto, debaixo da cama ou mesmo dentro de um armário, um homem acorrentado/amarrado em posição incômoda, maltratado, suplicante, de péssimo aspecto. E as meninas brincam e fofocam, alegremente, indiferentes ao sofrimento do homem, prostrado lá como uma

caça, um animal.

Outra idéia: Homens sendo utilizados como móveis e utensílios (mesinhas, cadeira, tapete, etc). Uma mulher conduzindo um homem pela coleira, como cachorro. Sei que essa temática já é batida, mas ainda assim dá pra inovar. Pensei numa imagem dela metendo o rosto dele dentro do pote de ração ou água, ou surrando-o. E usando o chinelinho branco felpudo (mas isso já é coisa minha rsrs).

Outra coisa que, eu acho, seria importante explorar: diversas formas de humilhação masculina, entre elas o cuspe. Sim, cuspe. Eu e S., fervorosos adeptos, já conversamos muito sobre esse pitoresco fetiche, e consideramos uma forma de humilhação que pode ser magnificamente explorada na fotografia. Exploro esse tema, atualmente, na forma de contos.

Uma defuntinha sensual: Ainda não explorada a idéia de necrofilia. Uma mortinha de rosto branco azulado deitada sobre uma mesa de metal fria. Algumas flores de plástico pra fazer uma bela coroa de defunto... e um safado tirando uma casquinha da pobre moça !! hahaha Seria bem divertido e bonito !

98

Outra idéia: Hoje, brincando com a minha barba, a S. se perguntou «O que será que Papai Noel faz com as crianças malvadas?» e começou a desenhar todo um cenário de BDSM natalino ... ficamos pensando, bem, ele precisa de um chicote pra tocar as renas mesmo, podia usá-lo nas crianças más. Não sei vocês, eu fiquei rindo às ganhas com a idéia, resolvi propor.

Também já imaginei um ensaio temático desse tipo, mas, no meu caso, eram «Mamães Noéis» mesmo... botas pretas até o joelho, sainhas vermelhas com pompons, bem eróticas. Daria dois belos ensaios, um com ‘Papais’ e outro com ‘Mamães’... Daí o moleque senta no colo da Mamãe Noela, pra receber os presentes; só que os pais dele informam Mamãe Noela de que ele foi um mau menino durante o ano; ela vai pegando todos os presentes destinados ao menino (muitos) e desembulhando-os; o moleque espanta-se com o conteúdo dos pacotes: chicotes, chibatas, palmatórias, cintas, muitos modelos de chinelos; espanta-se mais ainda com o uso que Mamãe Noela começa a fazer deles: põe o moleque de bruços nos seus joelhos, arria suas calças e começa a surrã-lo a valer com todos aqueles acessórios; depois pergunta se ele gostou dos presentes. E Feliz Natal!

Ensaio temático: Eu gosto da idéia de um ensaio temático, com as auxiliares da mamãe noel, com um gorrinho de papai noel e uma roupinha sexy como o V. diz. Eu tenho dois gorros de natal muito lindos, de primeira. Eu topo um ensaio temático. E depois teríamos de pensar no ensaio das coelhinhas da páscoa... Coelhinho da páscoa, que trazes pra mim ? Um ovo, dois ovos, um relho, enfim!!

Os “Queers”, como se autodenominam, também fazem uso do Orkut para divulgação de blogs e fotologs de integrantes e simpatizantes, bem como

de festas com temática fetichista. Aproveitam o espaço para propor projetos e analisar coletivamente o resultado de seus ensaios fotográficos e participações em eventos e espaços culturais. Trocam links de vídeos e também comemoram datas como o Dia Internacional da Mulher e o Dia Internacional do BDSM. As dinâmicas que aparecem na ciberinterações do grupo refletem o que Rosas, citando o alemão Cristoph Spehr (“teórico maior da colaboração online”) toma por importante a respeito dos grupos colaborativos:

Entre alguns pontos fundamentais, Spehr defende a noção de que as relações devem se basear na liberdade e igualdade de uns para com os outros e com a cooperação; que as regras devem ser estabelecidas, negociadas (e cumpridas) para que a cooperação funcione; que conflitos que surjam ao longo dessas negociações podem construir o respeito mútuo, a independência na cooperação e nos tornar mais fortes; e que organização, lealdade para com as pessoas, não com as instituições, e autoconfiança, são elementos essenciais. (ROSAS, 2003)

Tal sintonia e intimidade entre o grupo puderam ser atestadas em um jogo misto de futebol, chamado “Jogo da Vergonha”, bastante comentado na comunidade do Orkut. Outras formas de interação do coletivo na cidade são relatadas no tópico a seguir.

99

Queer Fiction nas cidades de concreto

Para articularem suas ações, os integrantes do coletivo, além de usarem recursos teleinformáticos, costumam encontrar-se em cafeterias e *shopping centers*. Em uma edição da festa “Lasciva”, ocorrida em junho de 2006 no Clube NEO, em Porto Alegre (espaço dedicado principalmente à música eletrônica), o grupo participou com fotos, vídeos e performances, o que repercutiu em sites da cena *underground* local:

O ápice da festa ocorreu no momento em que três lindas mulheres munidas com seus chicotes e devidamente caracterizadas com máscaras e roupas extremamente sexys surgiram na pista trazendo consigo um homem algemado e completamente dominado. Todos estavam prontos para entrar em êxtase com aquela sessão de sadomasoquismo, inclusive o público que rapidamente já se prontificou a criar um círculo à volta dessas personagens tão fantasiosas e sensuais. A performance deveras foi classe A! O público ficou inebriado com aquela apresentação que dava gosto de ver, também participou e agitou muito.

Quando não se faz presente carnalmente, o coletivo envia o material audiovisual para exposição, estabelecendo outras parcerias e usando a rede para divulgação dos eventos⁴. É o caso da festa “Os sete pecados capitais” na Áudio Delicatessen, a cargo do projeto www.luxuria.com, e do Sarau Erótico do Lov.e Club, ambos em São Paulo. A atuação do Queer Fiction também se dá pelo interior do Rio Grande de Sul, em eventos como a “Fetish Fest” do bar Mafondo, em Santa Maria, o que rendeu o seguinte comentário na comunidade do Orkut:

A viagem foi divertida, e fomos muito bem recebidos; era um local agradável, e pessoas bem amáveis. M. e C. fizeram shibari, a seguir houve demonstrações de spanking e velas para o pessoal ter uma idéia, as meninas estavam belíssimas, foram demonstrações muito bonitas, como as melhores que já vi em eventos similares por este mundo afora... precisamos dar parabéns muito especial para elas! (Infelizmente, mal se pôde filmar, porque a bateria não funcionou como devia... falha minha aqui.) A N. permaneceu em Santa Maria, o resto voltou no sábado mesmo; no caminho de volta, F. acabou nos joelhos da N. para uma surra que todos acharam merecida, ela teve de ser rigorosa com o pobrezinho. Estávamos de volta no fim da tarde, cansados mas felizes com a bagunça.

A atuação performática do grupo se dá geralmente por: “confeção de um corset ao vivo, onde o tecido é a pele humana; sessão de dominação & spanking com dominadoras e submissos; e desejo através da imobilização: demonstração de bondage (imobilização) com cordas”⁵, muitas vezes com a participação do público. As festas abertas com temática fetichista das quais participam envolvem um código de vestimenta (*dress code*) específico, que vai de sadomasoquismo e fetiche a vinil, couro, *pin-up*, *glam*, *all black* e mesmo temas religiosos. Pessoas fora do código pagam mais caro ou cedem a preferência de entrada. Além de festas, o coletivo prestigia outros eventos ligados ao underground, como o Porto Alegre Tattoo Festival.

Embora a conjunção arte-tecnologia-política em que se insere o grupo não seja original, ela assume matizes próprios nos países periféricos do capitalismo globalizante, sobretudo nas iniciativas de colaboracionismo que usam a tecnologia sem, entretanto, colocá-la no centro de suas estratégias:

Se essa junção sempre esteve presente lá fora, o atual beco sem saída do neoliberalismo parece haver despertado a consciência de vários grupos no Brasil, que passaram a criar fora das instituições estabelecidas com performances, intervenções urbanas, festas, tortadas, filmagens in loco de protestos e manifestações, ocupações, trabalhos com movimentos sociais, culture jamming e ativismo de mídia. À diferença dos coletivos high tech europeus e americanos, os coletivos brasileiros atuam nos interstícios das práticas tradicionais da cultura instituída, em ações até agora de um viés mais low tech. Mesmo assim, a maioria deles surge ou age graças à internet. (ROSAS, 2003)

Através de certa *economia desejan*te (GUATTARI & ROLNIK, 2005), o coletivo em questão pensa o papel do corpo, não o reduzindo às questões da mera representação estético-midiática nem às questões das relações entre sujeitos, mas em ligação direta com a produção de *objetos de desejo* e com os modos de subjetivação correspondentes a eles, aproximando vida e arte do tema da morbidez:

A arte, sem dúvida, não está restrita à representação do horror, mas esse mecanismo coloca a arte, sem prejuízo, no plano do pior, ao mesmo tempo em que a pintura do horror revela a brecha para toda possibilidade. É por isso que nós devemos nos deter nos contornos que a arte adquire em sua vizinhança com a morte. Se, cruel, a arte não nos convida a

morrer de arrebatamento, pelo menos tem a virtude de pôr um instante de nossa ventura num plano igual ao da morte (BATAILLE, 1949: 6).

Estendendo sua atuação junto ao público em lugares específicos das cidades, Queer Fiction amplia seu conceito de rede para além da dicotomia espaço ciber-cultural/espaço concreto, tema do item seguinte.

A tessitura do corpo erótico

Ligada ao arranjo da trama têxtil e, curiosamente, à organização sistêmica dos tecidos orgânicos, a gênese do conceito de rede que impregna nosso universo simbólico contemporâneo traz em si a idéia do que reveste, do que prende e também do está por dentro; uma noção circulatória dentro-fora, centro-periferia que se torna paradigma de nossas relações produtivas e antiprodutivas capitalistas. “A rede simboliza definitivamente – em ato e em representação – o vínculo selado entre os três elementos da religião saint-simoniana: a associação, a comunicação e a comunhão” (MUSSO, 2004: 27).

A polissemia do termo “rede”, que passa por uma idéia de ramificação dinâmico-estrutural instável no tempo (“mais complexa que a árvore, mas menos que a fumaça”), pode ser entendida também através de uma meta-ligação em que “tudo é vínculo, transição e passagem, a ponto de confundirem-se os níveis que ela conecta”, uma tecnologia do espírito. A noção de rede como matriz técnica, que desterritorializa e reterritorializa espaço-temporalmente os fluxos, permitiria “a comunicação, a comunhão e a democratização pela circulação igualitária dos homens. A redução geográfica das distâncias físicas, ou mesmo a intercambiabilidade dos lugares, graças às vias de comunicação, significa redução das distâncias sociais, isto é, democracia” (MUSSO, 2004: 29-34).

É questionável a idéia de que proximidade e circulação promovam por si só democracia, já que o que flui tem - patentes e nada virtuais - determinações de ordem econômica, política, ideológica, moral e social (a própria exclusão digital e os acirramentos do preconceito são também frutos da “rede”). O mérito maior desse conceito é, inclusive, promover dois movimentos aparentemente paradoxais: “Conforme o modo de funcionamento da rede, está-se de um lado ou do outro, pois a metáfora da rede é bicéfala: vigilância da circulação e circulação da vigilância”. (MUSSO, 2004: 34)

Na transição de uma metafísica para uma bioeconomia das redes, o corpo inscrito em suas tramas colhe as benesses de olhar e ser olhado enquanto paga o preço da visibilidade controlada. “No crepúsculo das ‘Luzes’ e no ‘nascimento da Clínica’, quando o saber cede ao ver, como sublinha Michel Foucault, a rede designa o espaço do território sobre o qual se conectam dispositivos de fortificação ou de circulação. Controlar ou fazer circular, essa é a ambivalência original da rede”. (MUSSO: 2004, 22)

A noção de poder como situação estratégica complexa em uma determinada sociedade, e que vem à tona no primeiro volume da “História da Sexualidade” de Foucault, torna-se valiosa para que se compreenda a erótica do uso dos prazeres como uma articulação entre sujeitos, saberes, poderes e discurso. Um poder reticular que surja de todos os lugares sociais, através da multiplicidade das correlações de força, como jogo incessante e dinâmico de lutas e afrontamentos, que vá além de um mapeamento binário entre dominados e dominadores, parece abarcar uma conceituação rica para entender a variação contínua e polivalente dos discursos a respeito do corpo (FOUCAULT, 2001: 88-97). Sob essa perspectiva mais ampla, Foucault assinala uma transformação do exercício da política entre o final do século XVIII e o começo do século XIX, na qual as relações de poder investidas nos corpos tornam-se uma grande medicina social, capaz de governar a vida, a produtividade no trabalho, a intimidade, o convívio e o lazer daqueles que passariam a ser designados população. “A biopolítica – por meio dos biopoderes locais – se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade etc., na medida em que elas se tornaram preocupações políticas” (REVEL, 2005: 26).

102

O biopoder, “elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos” (FOUCAULT, 2001: 132), exerce na contemporaneidade seu papel junto à fluidez dos espaços abertos, aparentemente desregulamentados e de livre circulação. Sua ação se dá menos pelo cerceamento disciplinar e mais pelo controle simbólico do *deixar viver* de políticas que cultivam, ordenam e canalizam forças em vez de barrá-las ou destruí-las. “Agora, pulverizadas em redes flexíveis e flutuantes, as relações de poder são injetadas e reforçadas pelas inovações tecnocientíficas, passando a recobrir a totalidade do corpo social sem deixar praticamente nada fora de controle” (SIBILIA, 2003: 163).

Na permanente reinvenção cultural do que é normal ou patológico, belo ou não, a configuração das *identidades* tende a passar, cada vez mais, pela noção de biopoder e pela percepção do *que o corpo é ou representa ser*, processo que se sobrepõe a um modelo convencional de identidade baseado principalmente em dispositivos psíquicos internos, valores e projetos morais, traços psicológicos de temperamento, personalidade e de vínculos afetivos e de solidariedade com o próximo. O gradual deslizamento para esta identidade somática (ou *bioidentidade*) estimula uma gestão de si focada na imagem e na *performance* corporal, o que se materializa na busca incessante pelo corpo *adequado* (ou na estigmatização do corpo desviado do padrão), na manutenção contínua de mentes e corpos e na configuração e difusão do que se é com base nos usos privados e públicos que o sujeito faz de seu corpo como ser sexual, trabalhador, consumidor, cidadão etc.

Desse ponto-de-vista, a *biossociabilidade* que os integrantes do Projeto

Queer Fiction constroem através das redes constitui-se em estratégia de contrapoder, através de um discurso coletivo de *transgressão* por meio da visualidade midiaticizada (na produção em vídeo e fotografia) e outras sensorialidades (nas performances), marcado por rupturas neotecnológicas (em sua sociabilidade virtual, agregando outras possibilidades de interação e articulação tática) e por continuidades (ao retomarem certa tradição estética questionadora dos cânones artísticos e dos discursos sexuais, como as vanguardas do início do século XX, por exemplo). Num empréstimo da noção de *transgressão* de Bataille, Foucault molda uma compreensão tático-estratégica de *resistência* como possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte. A resistência se dá, “necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder; assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações”. (REVEL, 2005: 74-76)

Percebe-se ainda, pela perspectiva foucaultiana, não mera reação às interdições da expressão de certas sexualidades (embargos através de jogos de verdade médico-religiosos que se foram cristalizando ao longo da história das civilizações ocidentais), mas a imersão da estratégia do grupo em uma estratégia maior de poder que não mais tolhe o desejo (como preconiza a Hipótese Repressiva), mas faz, cada vez mais e com mais intensidade, “falar o sexo”, canalizando de forma produtiva e adequada o discurso libertador/libertino no seu “devido lugar social”, onde possa ser entendido, buscado ou tolerado (os espaços “alternativos”, “exóticos”, “bizarros”, sejam virtuais ou concretos).

Este é um dos riscos da circulação de qualquer ideologia no contexto reificante contemporâneo, mesmo sob o signo da contestação. Se, por um lado, iniciativas como o Projeto Queer Fiction buscam resgatar certo espírito questionador e experimentador, atualizando-o pela via das neotecnologias,

por outro lado, os gestos radicais da arte parecem ter sido absolutamente cooptados. Se entendemos a lógica mais visceral do capitalismo contemporâneo, mesmo os grandes rebeldes – por rebeldes entenda-se aqueles que violaram/transgrediram os códigos correntes dentro de suas áreas – já foram devidamente absorvidos por um mecanismo que até se dá ao luxo de criar seus próprios oponentes. Os situacionistas tinham uma expressão para isto: eles a chamavam recuperação. O mercado recupera mesmo aqueles que o desafiam dentro de suas diretrizes (...) (ROSAS, S.d., grifos do autor)

Tal lógica mercantil opera não apenas no nível do modo de produção material, mas principalmente no âmbito da produção simbólica, retroalimentando indiferenças, apagamentos, desqualificações e silêncios, atravancando processos de singularização, de diferença e de expressão de outras sensibilidades, vivências e relações nos vários âmbitos do humano:

O desejo amoroso não tem nada a ver com a bestialidade ou com uma problemática etológica qualquer. Quando ele assume essa feição estamos diante de algo que é exatamente da natureza do tratamento do desejo na subjetividade capitalística. Há um certo

tratamento serial e universalizante do desejo que consiste precisamente em reduzir o sentimento amoroso a essa espécie de apropriação do outro, apropriação da imagem do outro, apropriação do corpo do outro, do devir do outro, do sentir do outro (GUATTARI & ROLNIK, 2005: 339).

A visibilidade instantânea e a baixo custo que a Internet proporciona, para além dos espaços consagrados à arte e ao corpo, pode ofuscar, frustrar ou seduzir quem se aventura a expor seu desejo ao outro, como também pode abrir caminho para a conjunção de outros encontros, outras eróticas, outros coletivos, outras tessituras, outros devires. Interrogar, como Foucault, os jogos de verdade, não à procura d'O Discurso Verdadeiro, mas da compreensão de como as “verdades” se constituíram nas sociedades, permite ao Homem pensar(-se) “quando se identifica como louco, como doente, como desviado, como trabalhador, como quem vive ou fala, ou ainda como homem de desejo” (REVEL, 2005: 87).

Considerações finais

Consolidando uma proposta estética e ética de corpos desejanter/desejados que vai da articulação teórica e passa à mobilização, organização, produção artística, divulgação e captação de novos públicos e simpatizantes de sua causa, o Projeto Queer Fiction parece adotar em sua sociabilidade as noções de associação, comunhão, partilha, coletividade e participação, itens constitutivos do que se entende por comunicação. Para ROSAS (2003), “a divisão de tarefas, o compartilhamento de valores e a liderança coletiva caracterizam em grande parte essas organizações”, para além do acesso aos aparatos high-tech:

Se a tecnologia não é fundamento básico destes grupos para ações tipo hacktivism, net arte ou similares, é por meio dela, contudo, que se dá a dinâmica de ação e propagação das atividades destes grupos na vida real. Pois uma palavra-chave de todos estes coletivos é a colaboração, bem como termos irmãos como livre cooperação, comunidade, interação e rede são senhas para uma transformação que está se dando em escala global. (ROSAS: 2003)

Se a crítica à apropriação heteronormativa do desejo e do corpo do outro precisa passar por uma estética genital do chocante; se o sexo, para libertar-se, necessita ser entendido como relação de força entre dominantes e dominados; e se uma política erótica de diferença ainda se faz pelo fetiche das máscaras que provêem anonimato aos sujeitos, é de se perguntar se algum dia as sexualidades insólitas se inscreverão em outros territórios para além do crime, além do pecado, além do proibido controlado, ou se estes são justamente seus territórios próprios de intervenção social e de estranheza: O pornográfico passa a conjugar-se com o poético, para enfim explicitar os crimes do desejo, sendo o corpo e sua manipulação obscena os elementos responsáveis pela forma e conteúdo. Como Georges Bataille afirmou: A ‘animalidade’, ou a exuberância sexual, é em nós aquilo que faz com que não possamos ser reduzidos a coisas. A ‘humanidade’,

pelo contrário, 'no que tem de específico, no tempo do trabalho, é aquilo que, à custa da exuberância sexual, tende a fazer de nós coisas. (QUEER FICTION)

À reflexão sobre os riscos da “coisificação” do corpo, da crescente desmobilização política em prol da experiência simulacral do erótico proporcionada pelas neotecnologias e da transformação do desejo em moeda simbólica e concreta do consumo capitalista, soma-se a ponderação sobre o lugar da arte na vida contemporânea, ao abdicar das curadorias oficiais e dos espaços consagrados da arte dita maiúscula:

Se renunciar à “Arte” é difícil para alguns, é porque talvez ainda não se tenha entendido que a entrega à vida (ou à “realidade”, como alguns preferem chamar) não significa a nulificação do estético. Muito pelo contrário, o “artista” aqui é o pensador, o criador de estratégias de ação, o arquiteto de atos que vão reverberar – a intensidade desta reverberação é claro que dependerá dos meios, finalidade e impactos planejados – nesta mesma “realidade”. (ROSAS, 2005)

Tal diluição dos cânones artísticos e eróticos nas práticas cotidianas, subvertendo valores ditados pelo poder instituído, é consoante com a noção, cara a Foucault, de fazer de sua vida uma obra de arte, um apuro que implica no cuidado de si, o que remete também ao cuidado do outro. A luta coletiva por uma ética e estética solidárias às peculiaridades e expressões individuais é sempre uma alternativa ao derrotismo, visto que as distribuições de poder e as apropriações de saber em sociedade “não são formas dadas de repartição, são ‘matrizes de transformações’” (FOUCAULT, 2001: 94). Na resistência à contínua medicalização da vida, na crítica ao hipócrita reducionismo da sexualidade às questões reprodutivas da espécie e na renúncia à ortopedia social que adestra corpos e mentes e nos faz consumidores ideais de produtos e estilos padronizados de vida, quem sabe aí esteja nosso devir-gente. Talvez no sórdido que nos aguça os sentidos, talvez em nosso asco e nosso gozo, esteja a perdição que nos salva.

Referências bibliográficas

BATAILLE, Georges. *The cruel practice of art*. Disponível em: Georges Bataille Electronic Library [http://supervert.com/elibrary/georges_bataille]. 1949. Acesso em 10/08/2007.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: A vontade de saber*. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7.ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2005.

MUSSO, Pierre. *A filosofia da rede*. In: PARENTE, André (org.) *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

ORKUT. Comunidade Queer Fiction. Disponível em: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=21896288> . [acesso em 30/07/2007].

QUEER FICTION. Disponível em: <http://www.queerfiction.net> . [acesso em 30/07/2007].

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROSAS, Ricardo. *Nome: coletivos, senha: colaboração*. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=170&secao=intervencao> . 2003. [acesso em 30/07/2007].

_____. *Notas sobre o atual estado do coletivismo artístico no Brasil*. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=229&secao=artefato> . 2005. [acesso em 28/07/2007].

_____. (Ins)urgência. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=210&secao=artefato> . S.d. [acesso em 28/07/2007].

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

Notas

1 Uma versão deste artigo foi apresentada ao GT “Tecnologias e estéticas da Comunicação” do II Congresso de Estudantes de pós-graduação em Comunicação (CONECO). PUC-Rio, 14 a 16 de novembro de 2007.

2 <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=21896288>

3 NEUMEISTER, Maíra. Disponível em: <http://www.bloodhall.spyslan.com/materias2.htm>

4 http://bivoltagem.blogspot.com/2007_06_01_archive.html

5 <http://www.poabeat.com.br/modules/soapbox/article.php?articleID=795>